

Learning by Ear – Aprender de Ouvido

“Todos nós somos diferentes – respeito pelas minorias”

7º Episódio: “Os pigmeus da República Democrática do Congo”

Autor: John Kanyunyu

Editores: Friederike Müller, Yann Durand

Tradução: Marta Barroso

VOZES:

- Intro/Outro (mulher/homem, female/male): Madalena Sampaio
- Narrador (cerca de 30, mulher/female): Madalena Sampaio

5 Voice-overs:

- Marie Louise (40, mulher/female) (Suaíli): Marta Barroso
- Charlotte Souzane (50, mulher/female) (Suaíli): Cristina Krippahl
- Kavira Manimba (30, mulher/female) (Suaíli): Maria João Pinto
- Matthieu Manga (15, homem/male) (Inglês): Nuno de Noronha
- Kazele Soheranda (30, homem/male) (Francês): Guilherme Correia da Silva

Intro:

Olá! Bem-vindos ao “Learning by Ear – Aprender de Ouvido” e ao sétimo programa da série intitulada “Todos nós somos diferentes – respeito pelas minorias”. Hoje, vamos visitar os pigmeus no leste da República Democrática do Congo. Os pigmeus são uma minoria indígena que vive em grupos pequenos na floresta equatorial que se estende por vários países da África Central.

Geralmente, os pigmeus desta região da República Democrática do Congo têm uma estatura muito baixa e a sua pele é bastante clara.

Tradicionalmente, vivem da caça e da coleta de alimentos. Mas o seu meio natural tem vindo a perder-se devido à desflorestação.

Consequentemente, muitos deles estão a migrar para as periferias das cidades ou aldeias. Só que, na região, os pigmeus são vistos como primitivos e, se por um lado, lá já não podem continuar com a sua forma de vida tradicional, por outro, são discriminados, o que leva a que poucos se interessem pela sua cultura. Contudo, em Ngite, uma aldeia na província de Kivu Norte, uma rede de organizações não governamentais construiu um campo de pigmeus com o objetivo de ajudar esta minoria a integrar-se melhor na sociedade.

Música: “Poug Peloum”, Nouss Nabil

1. Atmo: Meninas a cantar

(SFX: Pygmy girls singing)

2. Narrador:

Esta é a música de boas-vindas em Kubetsi, o campo de pigmeus a 250 quilómetros da aldeia de Ngite, na província de Kivu Norte, na República Democrática do Congo. No campo vivem 55 pigmeus de 16 famílias e todos eles recebem assistência da Igreja Pentecostal da África Central.

Música continua, depois fade out

3. Narrador

O campo Kubetsi costumava abrigar os avós dos pigmeus que aqui vivem hoje. Em redor há uma plantação de bananeiras, um campo de mandioca e uma horta. Há também batatas doces e abóboras. Os pigmeus de Kubetsi adotaram a agricultura como forma de subsistência, embora, como povo da floresta, a sua forma de vida tradicional seja como caçadores-coletores.

4. O-Ton Marie Louise (Suaíli):

“Neste campo cultivamos feijões, arroz, soja, amendoins e beringelas. Comemos o que colhemos e quando a colheita não é boa, vamos à procura de alimentos. Aqui, todos trabalham nos campos, mulheres e homens.”

5. Narrador:

É sempre difícil abandonar as tradições. E, portanto, de vez em quando, os pigmeus de Kubetsi pegam nos seus arcos e nas suas flechas e vão à caça, tal como faziam no passado, nas redondezas do Parque Nacional de Virunga. Mas este parque é uma reserva natural: não é permitido entrar nem caçar. Assim sendo, aqueles que passam a cerca, são logo expulsos pelos guardas que chegam mesmo a ameaçá-los de morte.

Mas nem tudo do que os pigmeus precisam para a sua vida diária existe no campo. Por exemplo, sal para cozinhar, sabão e roupa. Para poderem comprar esses produtos, os pigmeus trabalham para outras comunidades: nos campos ou como trepadores. Mas queixam-se de que o salário que recebem é muito baixo. Charlotte Souzane trabalha regularmente nos campos do povo Bantu, que vive nas redondezas.

6. O-Ton Charlotte Souzane (Suaíli):

“Trabalhamos dois dias seguidos e, no fim, eles dão-nos meio cacho de bananas ou um bocado de massa fufu. Se ao menos nos pudessem pagar dez dólares!”

7. Narrador:

Quando o campo Kubetsi foi construído, o objetivo era integrar os pigmeus noutras comunidades congolezas, sobretudo os Nande e os Mbumba. Mas as relações entre pigmeus e não pigmeus nem sempre são boas. Em algumas regiões, os pigmeus são vistos como sub humanos.

Dantes, quando pigmeus visitavam outras comunidades e estas lhes ofereciam comida, muitas vezes serviam-lha em locais sujos, longe daqueles onde estas comiam.

Esta prática parece estar a desaparecer com os ensinamentos dos pastores, já que todas as comunidades frequentam as igrejas locais, tal como conta Charlotte Souzane:

8. O-Ton Charlotte Souzane (Suaíli):

“Agora dão-nos a comida em pratos bons. Dantes era em folhas e perto do lixo. Eles diziam que nos davam a comida ali para não terem de sentir o nosso cheiro corporal que, segundo eles, os fazia sentir-se doentes. Mas como rezávamos juntos na igreja, começámos também a comer juntos.”

9. Narrador:

Noutras situações, os membros das diferentes comunidades entendem-se bem. Na escola, por exemplo, crianças pigmeus e não pigmeus estudam e brincam juntas ou jogam futebol em equipas mistas.

10. Atmo 2b: Jogo de futebol

(SFX: Football match)

11. Narrador:

A escola primária Mutubé de Masulukwedé foi construída para crianças pigmeus. Hoje, também crianças de outros grupos étnicos frequentam esta escola. Ao todo são mais de 200 alunos, 26 são pigmeus. Estes têm acesso gratuito à escola, enquanto os outros pagam uma pequena propina.

12. Atmo: Aluno a recitar

(SFX: Pupil reciting)

12a. Narrador:

As crianças pigmeus estão bem integradas, embora ainda haja algumas dificuldades. Kavira Manimba é professora de uma das turmas.

13. O-Ton Kavira Manimba (Suaíli):

“Eles prestam atenção nas aulas e não distraem os outros alunos nem os não pigmeus. Na época seca, preferem ir caçar com os pais e quando chega a época das chuvas, regressam à escola e voltam a estudar normalmente. Eles são inteligentes, mas esta ausência traz-lhes problemas.”

14. Narrador:

O aluno pigmeu Matthieu Manga está contente com tudo o que aprende na escola.

15. O-Ton Matthieu Manga (Suaíli):

“Nós temos boas disciplinas na escola e os professores são muito bons. É bom que pigmeus e bantus vivam na mesma aldeia e que cada comunidade tenha os seus campos.”

16. Narrador:

Contudo, é ainda necessário combater a discriminação contra os pigmeus, já que, apesar dos esforços das organizações que fomentam a sua integração, ainda há discriminação a nível social. Por exemplo, no que toca a sentimentos.

Não pigmeus podem declarar abertamente o seu amor por pigmeus, mas o contrário já não é possível. Se uma rapariga pigmeu engravida de um rapaz não pigmeu, este e a sua família normalmente recusam-se a assumir a responsabilidade pela rapariga e pela criança e, assim, cabe aos pais dela tomar conta da filha. Charlotte Souzane também já passou por uma situação destas, quando a sua filha engravidou de um rapaz da etnia Nande.

17. O-Ton Charlotte Souzane (Suaíli):

“A minha filha que engravidou desse rapaz é a mais velha e nós queremos que ela se case com o pai da criança, mas ele já fugiu e ninguém sabe onde está. Agora, o pai dele diz que está disposto a mandá-lo prender quando o encontrarem para que ele responda pelo que fez.”

18. Narrador:

Muitos rapazes pigmeus, que se sentem integrados na sociedade, estariam dispostos a casar com raparigas não pigmeus. Mas estas raramente os aceitam. Kazele Soheranda é o diretor das operações locais do Programa de Assistência a Pigmeus.

19. O-Ton Kazele Soheranda (Francês):

“Quando um homem pigmeu começa a pensar em casar, por exemplo, com uma rapariga bantu, ela recusa simplesmente, porque, muitas vezes, o lado material desempenha um papel importante. E normalmente os pigmeus são pobres. Portanto, nós achamos que se combatermos a pobreza dos pigmeus, eles terão mais facilidade em readquirir a sua dignidade e impor-se na comunidade. Porque aí essa questão de pigmeu e não pigmeu já não terá importância.”

21. Narrador:

Discriminação zero. É este o slogan e o objetivo de numerosas organizações de defesa dos direitos dos pigmeus. Mas o facto de ainda haver discriminação dá que pensar. Kazele Soheranda, do Programa de Assistência a Pigmeus, explica o seu trabalho:

21. O-Ton Kazele Soheranda (Francês):

“Na nossa estratégia de trabalho, levamos em consideração aspetos de integração, promoção e dignidade dos povos pigmeus. E em todas as atividades, encorajamos os pigmeus a interagir com outras comunidades. Por exemplo, no que toca à educação, nós não queremos criar escolas especiais para crianças pigmeus. Preferimos encorajá-las a frequentar escolas mistas para que se possam impor. O mesmo se passa no setor da saúde: eles vão a centros de saúde tal como os outros grupos étnicos. Também noutras atividades, os pigmeus e outras comunidades estão sempre juntos.”

22. Narrador:

Para o aluno pigmeu Matthieu Manga, da escola primária Mutubé de Masulukwedé, a colaboração e o respeito entre pigmeus e não pigmeus é muito importante.

23: O-Ton Matthieu Manga (Suaíli):

“Para vivermos melhor nesta terra, temos de nos entender. Penso que deveríamos partilhar ideias construtivas para uma boa coexistência. Na minha opinião, assim eliminamos a discriminação.”

24. Atmo: Meninas a cantar

(SFX: Pygmy girls singing)

Música: “Poug Peloum”, Nouss Nabil

Outro:

E é assim que chegamos ao fim do sétimo programa da série do “Learning by Ear – Aprender de Ouvido” intitulada “Todos nós somos diferentes – respeito pelas minorias”. Este episódio foi escrito por John Kanyunyu.

Lembrem-se de que podem voltar a ouvir este episódio ou deixar os vossos comentários, visitando a nossa página web em:

www.dw.de/aprenderdeouvido

[w w w ponto d w ponto d e barra aprender de ouvido]

Também podem ouvir os episódios de todas as séries do Learning by Ear - Aprender de Ouvido como podcast em:

www.dw.de/lbepodcast

[w w w ponto d w ponto d e barra l b e podcast]

Gostaram deste programa ou têm sugestões para mais programas do Learning by Ear?

Escrevam-nos um e-mail para:

afriportug@dw.de

Ou enviem uma SMS para o número: 00 49 17 58 19 82 73.

Repetimos: 00 49 17 58 19 82 73.

Também podem mandar uma carta para:

Deutsche Welle – Programa em Português

53110 Bona

Alemanha

Até à próxima!